

Fotos: Sérgio Cardoso



Sindicato protesta e cobra soluções no BB

O Sindicato dos Bancários/ES entregou ao presidente do Banco do Brasil, Antônio Francisco Lima Neto, uma carta na qual cobra providências para a melhoria das condições de trabalho nas

unidades do banco. O Sindicato também protestou contra a chamada “lateralidade” e a política de transferência de setores do BB para outros estados. Foi durante uma visita de Lima Neto ao

Espírito Santo. Houve panfletagem em frente ao Palácio Anchieta, onde o presidente participava de uma solenidade

[Página 5](#)

Rio Jucu pede socorro

Em 2008, a Descida Ecológica do Rio Jucu foi substituída por um protesto contra a poluição. A foto ao lado, feita em 2007 pelo fotógrafo Sérgio Cardoso, mostra o esgoto de vários bairros de Vila Velha atingindo o rio. O Correio Bancário ouviu o ambientalista Eduardo Pignaton sobre a degradação do Jucu. Segundo ele, as medidas governamentais anunciadas nos últimos anos para solucionar o problema não passaram de propaganda. “A estação de Ponto Alto, inaugurada no Governo Paulo Hartung, por exemplo, não funciona”, denuncia.

[Página 6](#)





Aos leitores

Os bancos e o "estresse" do mercado

Os momentos críticos pelos quais têm passado as bolsas de valores no mundo sinalizam o rápido avanço da crise econômica e financeira cujo epicentro é a economia dos EUA. O quadro vem se agravando mesmo diante das medidas desesperadas dos governos imperialistas, que já gastaram verdadeiras fortunas na tentativa de conter o "estresse" do mercado.

O Federal Reserve (FED), banco central dos EUA, emitiu uma nota reconhecendo a atual conjuntura de crise. "O consumo enfraqueceu e o mercado de trabalho também. Os mercados financeiros continuam sob considerável estresse, e o aperto das condições de crédito e o aprofundamento da contração imobiliária deve pesar sobre o crescimento econômico", apontava a nota.

No dia 16 de março, um domingo, o FED anunciou um socorro de emergência ao banco de investimentos Bearn Stearns, que já foi o quarto maior banco estaduni-

dense e chegou à falência. O FED articulou a compra da instituição pelo banco JP Morgan pela irrisória quantia de US\$ 236 milhões, abaixo até mesmo do valor do prédio que abriga sua sede, avaliado em US\$ 1,5 bilhão. A operação foi viabilizada com a liberação de US\$ 30 bilhões de empréstimo para cobrir o rombo da instituição falida.

O FED anunciou o corte dos juros em 0,75 ponto, reduzindo a taxa para 2,25%. Isso fez com que a taxa de juros dos EUA atingisse um patamar "negativo", abaixo da inflação anual. Tudo na tentativa de facilitar o empréstimo e estimular o consumo.

Os bancos centrais da Europa, Japão e Austrália também injetaram bilhões para impedir a bancarrota dos bancos. Diante do "estresse" do mercado, está em curso uma espécie de Proer global, com os governos norte-americanos, europeu e japonês agindo de forma desesperada para salvar os grandes bancos.

Artigo

Mais uma reforma

A proposta de reforma tributária revela que o governo federal não foi capaz de articular um novo marco redistributivo no país. Condição essencial para uma efetiva alteração no Código Tributário Nacional. Ao centrar suas sugestões no caráter federativo do ICMS, o governo demonstra a fragilidade dos pactos políticos que consegue manter na atualidade. Sequer ousou propor qualquer iniciativa no sentido de reduzir a regressividade implícita nesta modalidade específica de tributação. Tratou apenas de inverter a lógica de recolhimento do referido imposto, ao propor a arrecadação pelos estados onde efetivamente as mercadorias são consumidas, mas os contribuintes de fato continuariam os mesmos: a grande maioria das famílias que não tem como se livrar do peso dos tributos que incidem sobre o consumo de produtos essenciais.

O limite da visão do governo no viés federativo nega, portanto, qualquer corte de classe na reforma tributária. Fica nítida a distância da atual proposta daquelas defendidas anteriormente como alternativas ao governo FHC, embasadas na progressividade da tributação, tanto do ICMS quanto do Imposto de Renda e dos impostos sobre a propriedade (IPTU, ITR etc.). Lá atrás, a bancada federal do PT pregava a necessidade de se criar uma ampliação no leque de alíquotas diferenciadas para o Imposto de Renda e a regulamentação do Imposto sobre Grandes Fortunas.

O debate generalizado pela mídia é de que a proposta aponta para uma outra racionalidade no futuro, mas perturba radicalmente as práticas tributárias do ICMS no curto prazo. Especialmente em estados como o Espírito Santo, onde os municípios ficaram dependentes das migalhas deixadas aqui pelas manobras "criativas" do FUNDAP, deixando os prefeitos de cabelo em pé com a proposta de dissolução do famoso esquema no médio prazo. Não pode ser este o debate de interesse das famílias trabalhadoras, sobre as quais continua recaindo a maior parte da carga tributária neste país.

Helder Gomes é economista

CORREIO

BANCÁRIO

Informativo do Sindicato dos Bancários do Espírito Santo
Rua Wilson Freitas, 93, Centro,
Vitória/ES - 29016-340
Tel: (27) 3331-9999
Colatina (3722-2647), Cachoeiro
(3522-7975) e Linhares (3264-1329)

Presidente: Carlos Pereira de Araújo
Diretor de Imprensa: Idelmar Casagrande
Editores: Sueli de Freitas - MTb 537/92 e
Ronaldo Cassundé - MTb 932/00
Estagiário: Danilo Bicalho
Editoração: Jorge Luiz - MTb 041/96
Impressão: Gráfica Ita
E.mail: secretariageral@bancarios-es.org.br
Tiragem: 9.000 exemplares
Distribuição gratuita



www.bancarios-es.org.br

BRADERSCO I

O Braderesco está implantando um novo modelo de agência no Rio de Janeiro, com apenas seis funcionários.

BRADERSCO II

Já são 19 agências que funcionam com apenas dois box, um para idosos e o outro para os demais clientes.

BRADERSCO III

A sobrecarga de trabalho é grande. Os bancários sequer conseguem tempo para ir ao banheiro. A DRT já foi acionada.

11 anos de HSBC no Brasil: não há o que comemorar

Sérgio Cardoso

No dia 26 de março completou 11 anos que o banco inglês HSBC instalou-se no Brasil, após adquirir o Bamerindus com base numa série de benesses. Desde sua chegada, o HSBC submete seus trabalhadores a níveis elevados de injustiça e exploração.

Logo na chegada, o banco humilhou seus funcionários orientando-os a pentear os cabelos e a adotarem hábitos de higiene, como se todos já não tivessem essas noções elementares. Outras medidas abusivas foram adotadas, como a extinção da bolsa educacional, em 1998, recuperada com luta e protesto nos anos seguintes; o não-pagamento da segunda parcela da PLR em 2001 e o cárcere privado em campanhas salariais, quando o banco obrigou que seus funcionários permanecessem nas sedes com intuito de burlar o movimento grevista.

A exploração no HSBC é intensa. Muitos funcionários sofrem de doenças relacionadas ao trabalho, decorrentes



11 ANOS DE LUTA DOS BANCÁRIOS

das metas desumanas a que são submetidos. No ano passado, o HSBC demitiu centenas de bancários no Brasil. Por outro lado, a instituição registrou lucro líquido de R\$ 1,24 bilhão, o que representou um crescimento de 31% em relação a 2006. Foi o maior resultado já alcançado pela instituição no país.

Santander: chega de demissões

O fim das demissões e a contratação de pessoal foram reivindicações apresentadas pelos representantes dos funcionários na reunião do Comitê de Relações Trabalhistas do Santander. As demissões estão atingindo sobretudo trabalhadores que estão próximos de adquirir estabilidade pré-aposentadoria ou que retornam da licença pelo INSS.

No Espírito Santo, foram três demissões entre fevereiro e março, mas apenas uma rescisão foi feita. As outras duas pessoas demitidas têm histórico de LER e não tiveram as rescisões homologadas.

“O quadro de funcionários está reduzido, os clientes reclamam da demora no atendimento e os bancários estão sobrecarregados. Na agência Centro Vitória, por exemplo, a situação é caótica. Ainda assim o banco demite trabalhadores”, denuncia o diretor do Sindicato Jônathas Correa.

Unibanco: Sindicato orienta vítimas de assalto em Vila Velha

O Sindicato realizou reunião com os bancários do Unibanco de Vila Velha vítimas do assalto ao carro-forte em frente à agência, que ocorreu no início de março. A diretora de Saúde da entidade, Bernadeth Martins, e o diretor Idelmar Casagrande, funcionário do Unibanco, falaram sobre os sintomas que podem aparecer devido ao trauma provo-

cado pela tragédia. Os bancários e demais trabalhadores (vigilantes, terceirizados e pessoal de limpeza) devem estar atentos a dores de cabeça, gastrites, insônia e sinais como assustar-se com qualquer barulho diferente, o que mostra que o corpo está em alerta.

A reunião aconteceu no dia 28 de março, após solicitação feita pelo Sindicato

ao setor de relações sindicais do banco, que funciona em São Paulo. “Esse espaço para falar do ocorrido é importante, pois compartilhar é uma forma de trabalhar as emoções”, afirmou Bernadeth. Infelizmente, no entanto, a maioria dos bancos não autoriza a realização de reuniões pós-assalto nos locais de trabalho.

Bancário(a) do
Banco do Brasil

De 02 a 11 de abril,
vote Chapa 3 nas
eleições da Cassi

CHAPA 3
A CASSI É SUA!



**Peladão dos
Bancários:
todos os
sábados, das
09 às 12 horas**

**Aberto aos
sindicalizados**



DEMISSÃO NO BANESTES I

O Banestes quer demitir os bancários que têm 30 anos de serviço. O Sindicato vai contestar essa medida arbitrária.

DEMISSÃO NO BANESTES II

E depois dessa bomba, o banco lançou um plano de desligamento dito "voluntário". Pense bem antes de decidir.

Conselho do Banestes

Sindicato derruba critérios excludentes

O Sindicato conseguiu na Justiça garantir a candidatura de Jessé Alvarenga ao Conselho de Administração do Banestes e também derrubar os critérios excludentes criados pelo banco para cercear o direito de todos os funcionários participarem da eleição. Com isso, a direção do Banestes foi obrigada a suspender o processo eleitoral. Até o fechamento desta edição (dia 01.04), a comissão responsável pela eleição não havia divulgado o novo cronograma.

O primeiro passo foi dado no dia 26 de março, quando a liminar concedida pela juíza Germana Morelo, da 14ª Vara do Trabalho de Vitória, garantiu a candidatura de Jessé ao Conselho. No dia seguinte, o juiz da 10ª Vara do Trabalho de Vitória, Vitor Hugo Vieira Miguel, concedeu liminar no processo coletivo ajuizado pelo Sindicato. Com o

entendimento de que "não há qualquer requisito pessoal de habilitação para os interessados na respectiva vaga a não ser a condição de ser empregado da empresa", o juiz determinou a abertura de novo prazo para inscrição dos interessados.

"Foi uma vitória de todos os funcionários do Banestes. Vamos continuar lutando para que o representante dos bancários tenha autonomia frente ao governo e à direção do banco e seja comprometido com as lutas dos funcionários e em defesa do Banestes público", afirmou o presidente do Sindicato, Carlos Pereira de Araújo (Carlão).

Entre os critérios inconstitucionais criados pela direção do Banestes estava a obrigatoriedade de o candidato ter exercido cargo de gerente geral na Direção Geral ou equivalente.

Chapa 2 ganha eleição para Fenae no ES

A Chapa 2 "Unidade para mudar a Fenae", apoiada pelo Sindicato dos Bancários e a APCEF/ES, venceu a eleição no Espírito Santo com 783 votos, contra 177 dados à Chapa 1 - A Chapa do Movimento. Votos brancos e nulos somaram 44 votos, totalizando 1004 votantes.

"O resultado da eleição no Estado consolida a política que o Sindicato vem defendendo de defesa intransigente dos interesses dos trabalhadores, atuando com coerência e independência em relação ao Governo Federal, questionando a política adotada na Caixa. Nós agrade-

ceamos a confiança depositada na Chapa 2 e renovamos o compromisso de caminhar nessa trilha, sem jamais nos afastar dos trabalhadores", afirma a candidata da Chapa 2, Rita Lima.

Em nível nacional, a Chapa 1 venceu a votação com 65,88% dos votos válidos. Foi eleita com 16.755 votos, enquanto a Chapa 2 recebeu 8.678 (34,12%). Os votos em branco foram 608 e os nulos 726.

A eleição para a Diretoria Executiva e o Conselho Fiscal da Fenae foi realizada no dia 18 de março. Os eleitos terão mandato até 2011.

MAX FILHO I

O Sindicato solicitou ao prefeito de Vila Velha, Max Filho, audiência para tratar da venda das contas municipais.

MAX FILHO II

A folha de pagamento dos servidores e outras contas da prefeitura foram transferidas do Banestes para o Banco do Brasil.

MAX FILHO III

Para o Sindicato, isso é prejudicial ao desenvolvimento regional. A audiência ainda não foi marcada.

Banco do Brasil

Sindicato protesta e faz cobranças a Lima Neto

Fotos: Sérgio Cardoso

O Sindicato dos Bancários/ES entregou ao presidente do Banco do Brasil, Antônio Francisco Lima Neto, no dia 24 de março, uma carta na qual cobra providências para a melhoria das condições de trabalho nas unidades do banco. O Sindicato também protestou contra a chamada “lateralidade” e a política de transferência de setores do BB para outros estados. Lima Neto veio ao Espírito Santo para assinatura de um protocolo de intenções com o Governo do Estado para apoio à pecuária leiteira.

Diretores do Sindicato realizaram manifestação em frente ao Palácio Anchieta e entregaram aos presentes um panfleto denunciando o projeto do Governo Lula de transformar o Banco do Brasil em empresa de mercado. “O BB está sendo afastado de um dos seus principais objetivos que é fomentar o desenvolvimento no país. A compra de folhas de pagamento e de contas de municípios faz parte dessa lógica mercadológica que prejudica o desenvolvimento regional ao enfraquecer os bancos estaduais”, denunciou a entidade.



SINDICATO: COBRANÇA A LIMA NETO



DIRETORES DO SINDICATO ENTREGARAM PANFLETOS A QUEM FOI À SOLENIIDADE

Presidente diz que lateralidade será mantida

Em entrevista concedida em Vitória, o presidente do BB, Antônio Francisco Lima Neto, informou que não há intenção do banco de reverter a lateralidade, mecanismo que, na prática, significa substituição sem pagamento pelo serviço executado. Desconsiderando a realidade nas agências, Lima Neto disse que hoje, no banco, não há mais substituição.

Para a diretora do Sindicato Goretti Barone o fim da lateralidade está na pauta dos bancários e é preciso mobilização para colocá-lo na pauta da empresa. “Há uma grande distância entre o discurso e a prática no BB. Não há trabalho compartilhado. A substituição acontece sim porque alguém tem que fazer serviço do outro que está ausente. E como há carência de pessoal, o resultado é o acúmulo de função. A proposta no papel é bonita, mas não está funcionando”.

VEJA O QUE DISSE LIMA NETO

Presidente, há uma grande insatisfação dentro do banco hoje com a lateralidade. É possível reverter-la?

Não está na pauta reverter isso. Temos pontos positivos e existem questões a serem aperfeiçoadas, afinal foi uma mudança radical.

Então os bancários continuarão substituindo sem receber por isso?

Continuarão trabalhando dentro da nova dinâmica de não ter substituição.

Mas a substituição de fato está acontecendo. Como solucionar esse problema?

A substituição não está acontecendo, esse é um equívoco.

E quando uma pessoa está ausente e outra assume as suas tarefas, isso não caracteriza uma substituição?

Não caracteriza. Na verdade você tem uma nova dinâmica de atendimento e compartilhamento de decisões que não existia antes.



Sérgio Cardoso

A gestão ambiental atual tem cunho eleitoral e financeiro. “Se não permitirem que a sociedade civil se engaje num processo de gestão compartilhada, não haverá solução para o problema das águas”. Essa é a opinião do ambientalista Eduardo Pignaton, secretário da Associação Barrense de Canoagem, entidade que luta pela despoluição do Rio Jucu.

Diálogo

Eduardo Pignaton

Rio Jucu: estações de tratamento não funcionam

Este ano, ao invés da Descida Ecológica do Rio Jucu, foi feito um protesto contra a poluição. Essa é uma luta antiga.

Esta história começou em 1989, quando nós, num grupo de 12 pessoas, fizemos a primeira Descida Ecológica do Rio Jucu. O Rio Jucu tem uma importância histórica muito grande. Nos séculos XVI e XVII as fazendas de Araçatiba, em Viana, eram as maiores produtoras de açúcar do Brasil. Para que essa produção fosse exportada pelo mar para a Europa, ela precisava ser embarcada na Vila Rubim, em Vitória. Então, construíram o Canal de Camboapina, onde hoje é o Rio Marinho. A obra demorou 40 anos para ser inaugurada, ligando o Rio Jucu à Baía de Vitória. Esse foi o primeiro exemplo de transposição de rio no Brasil. Nós percebemos, já em 1989, que o Jucu estava morrendo. Notamos que as ações do homem estavam fazendo com que o rio perdesse muito volume de água. Foi por isso que criamos a Descida do Rio Jucu, como uma forma de alerta, passando a realizá-la todos os anos. Este ano a descida não aconteceu. Em seu lugar realizamos o “enterro do Jucu”, um protesto contra a falta de medidas efetivas para despoluir o Rio.

Porque o Consórcio da Bacia dos Rios Santa Maria e Jucu não surtiu os resultados esperados?

No governo Vitor Buaiz, nós pautamos a necessidade de criar alguma coisa maior para defender o rio. Foi constituído

nessa época o consórcio. No entanto, a sociedade civil organizada não pôde participar, uma vez que foi feito um acordo entre as prefeituras e as grandes empresas, que sempre se dizem salvadoras das questões ambientais. Tendo existido por 16 anos, esse consórcio praticamente não desenvolveu nenhuma ação positiva e contraiu uma dívida de 900 mil reais. O pior é que isso criou uma grande desilusão na sociedade civil organizada e naqueles que defendem a bacia. A população ficou frustrada, pois depois de tanta propaganda dizendo que o problema seria resolvido, tudo acabou em nada.

Como você avalia as medidas do governo estadual durante o tempo de realização da Descida do Rio Jucu?

As medidas anunciadas durante 18 anos de Descida do Rio Jucu - como os projetos Corredores Ecológicos, Olhos D'água, Cidades Verdes e Florestas Para a Vida - não passaram de propaganda de governo. O pior é que as estações de tratamento de esgoto construídas para despoluir o Rio Jucu nunca funcionaram. Por exemplo, a estação de Ponto Alto, inaugurada no Governo Paulo Hartung, não funciona. Tem uma estação em Domingos Martins que não trata o esgoto da cidade. A população paga por um serviço que não é prestado. Marechal Floriano não tem esgoto tratado, Viana não tem esgoto tratado, Cariacica não tem esgoto tratado e a região de Vila Velha, que desce para o Jucu, também não tem esgoto tratado.

Qual o papel desempenhado pelas grandes empresas nesse processo todo?

A ação prática das grandes empresas é financiar campanhas políticas. A Aracruz Celulose distribuiu 6,5 milhões de mudas de eucalipto via Secretaria de Agricultura. Alguns secretários se elegem dando licença para desmatar, para construir barragem, para plantar eucalipto. Essa é a secretaria de agricultura. Todo secretário que entra lá se eleger.

Como deve ser a participação da sociedade civil na luta contra a poluição e o assoreamento dos rios?

As políticas públicas em relação à preservação de meio ambiente estão falidas. A questão central é uma alteração no modelo de gestão. A gestão feita pelo governo é de cunho eleitoral e financeiro. Se as decisões na área de meio ambiente não passarem por dentro dos conselhos e dos comitês, e não permitirem que a sociedade civil se engaje num processo compartilhado, nós não teremos solução. Se as igrejas, as comunidades eclesiais de base, os sindicatos rurais, as associações que trabalham com pessoas no campo não se unirem, nós não temos solução para o rio. Então, a solução é alterar o modelo de gestão, essa é a única saída para o problema das águas no Brasil. A gestão feita pelo governo é um fracasso, e não tem jeito. Nós temos que fazer muita pressão para que haja mudanças nesse modelo, caso contrário não vamos conseguir nenhum resultado.

COPA APCEF I

Além do Sindicato, estarão na disputa da XX Copa mais sete equipes formadas por associados da APCEF.

COPA APCEF II

O jogo de abertura da Copa APCEF no sábado, dia 5, será entre as equipes do Sindicato e da Ufes (bancários da CEF).

Sérgio Cardoso



OS CAMPOS GANHARAM GRAMA SINTÉTICA

Reserve seu horário no Centro Sindical

Ainda restam alguns horários disponíveis para aluguel dos campos de futebol soçaite e da quadra do Centro Sindical, localizado no Forte São João, em Vitória. Os dois espaços, que passaram por reformas no ano passado, são alugados por hora, de segunda a sábado, das 8 às 18 e das 18 às 22 horas. Os bancários sindicalizados tem desconto especial: pagam R\$ 40,00 reais a hora durante o dia e R\$ 60,00 a hora noturna. Quem não é sindicalizado paga R\$ 70,00 ou R\$ 100,00, dependendo do horário. Na quadra, o preço da hora para os sindicalizados é de

R\$ 25,00 durante o dia de R\$ 30 à noite. Os demais pagam R\$ 40,00 ou R\$ 50,00.

Para ter direito aos descontos, as equipes devem ter, no mínimo, 50% de bancários sindicalizados. A reserva é confirmada após o envio antecipado ao Sindicato da lista com os nomes dos jogadores. Outra vantagem para os sindicalizados é o Peladão dos Bancários, evento realizado aos sábados, das 9 às 12 horas. No mesmo horário, as mulheres ocupam a quadra poliesportiva. Numa parceria da AP-

Confira os horários disponíveis

Quadra	Campo 1	Campo 2
Segunda: 18 e 19 horas	Segunda: 21 e 22 horas	Segunda: 18 e 22 horas
Terça: 18 horas	Terça: 22 horas	Terça: 18 e 22 horas
Quarta: 18 e 22 horas	Quarta: 18 e 22 horas	Quarta: 18 e 22 horas
Quinta: 18 e 22 horas	Quinta: não há horário	Quinta: 18 e 22 horas
Sexta: 22 horas	Sexta: 21 e 22 horas	Sexta: 22 horas
Sábado: não há horário	Sábado: não há horário	Sábado: 9, 10, 11 e 12

CEF com o Sindicato, os treinos da equipe de vôlei da Associação foram abertos a todas as bancárias.

Sindicato estréia na Copa APCEF

Uma equipe do Sindicato dos Bancários vai estreiar na XX Copa APCEF de Futebol Soçaite, campeonato organizado pela Associação do Pessoal da Caixa/ES que começa no dia 5 de abril, às 14 horas, no clube da Associação localizado em Bicanga, no município da Serra.

A equipe do Sindicato reúne bancári-

os de bancos privados e públicos e diretores da entidade. Foram convidados os bancários que já utilizam os campos ou a quadra do Centro Sindical. "A participação do Sindicato tem o objetivo de fortalecer os laços com a APCEF, uma entidade que historicamente é nossa parceira", afirmou o diretor de Esportes do Sindicato, Cláudio Merçon (Cacau).

"A fome latina não é somente um sintoma alarmante: é o nervo da própria sociedade."

Glauber Rocha, cineasta

Perfil

Sebastião de Freitas



Sérgio Cardoso

Sebastião de Freitas Oliveira, o Freitas, fabrica miniaturas de bicicletas. Bancário do Banestes há 20 anos, começou como auxiliar de serviços gerais do banco em 1985.

Há quanto tempo você fabrica as miniaturas de bicicletas?

Faço desde 1998. Quando comecei, fazia cerca de 10 bicicletinhas por hora.

Como surgiu a idéia?

Vi uma mulher fazendo as bicicletinhas na rua e achei que poderia ser uma boa forma de ganhar dinheiro. Na época eu estava com problemas financeiros e as bicicletinhas me ajudaram a pagar minhas dívidas.

Qual o material utilizado?

Eu uso arame, espaguete para encapar o arame, dobro e corto o arame com um alicate e também uso um cano para fazer as rodas e as coroas da bicicleta.

Você continua vendendo as bicicletinhas?

Sim, vendo a R\$ 3,00 em lojas ou por encomenda. Agora pretendo vender como brinde para empresas, vou colocar uma plaquinha no quadro da bicicleta com o nome da empresa que encomendar.

Brasil

Contas externas têm resultados negativos

Demorou pouco o ufanismo do Governo Lula ao afirmar que o Brasil atingiu a condição de credor no mercado internacional, chegando ao “fim da dívida externa”. A informação teve a sua credibilidade totalmente sepultada após a recente divulgação das contas externas brasileiras.

Segundo as informações publicadas no final de fevereiro, o Brasil teve um déficit comercial em suas contas externas (comércio e serviços) de US\$ 4,232 bilhões em janeiro deste ano. Ficou constatado que o país está perdendo muito dinheiro, pois no mesmo período de 2007 obtivera um saldo positivo de US\$ 286 milhões.

Entre janeiro de 2007 e janeiro de 2008, houve um déficit de US\$ 1,169 bilhões (resultado equivalente a 0,09% do PIB brasileiro). No período anterior, de janeiro de 2006 a janeiro de 2007, o país conquistou um saldo positivo de US\$

14,242 bilhões, correspondendo a 1,31% do PIB. Segundo a avaliação do Banco Central, este é um dos piores resultados das contas externas desde outubro de 1998, quando houve um déficit comercial de US\$ 4,95 bilhões.

Essa situação é resultado da escandalosa saída de dinheiro para o exterior, desmistificando o excessivo discurso da prosperidade econômica brasileira. Em janeiro, foram US\$ 4,3 bilhões, US\$ 1,28 bilhão em juros (dinheiro perdido com importações) e US\$ 3 bilhões em lucros e dividendos (dinheiro de empresas estrangeiras e investidores). Houve um crescimento de 125% na saída de dinheiro para o exterior em relação ao mesmo período do ano passado. São fortes os sinais de que a política econômica brasileira está sendo conduzida ao mesmo quadro de crise financeira e recessão que atinge os EUA, a Europa e a Ásia.

Brasil não está deslocado da crise

O ministro da Fazenda Guido Mantega admitiu a “gravidade” da atual crise no mercado financeiro. O Comitê de Política Econômica (Copom) indicou um aumento dos juros no próximo período, o que vai na contramão do discurso otimista do governo. O preço das commodities - produtos primários de exportação - sofreu forte queda nos últimos dias. As ações da Vale do Rio Doce e da Petrobrás também passaram por baixas.

Os últimos acontecimentos provam que a recessão já é realidade e que a economia brasileira não está deslocada do resto do mundo. O que se discute é a profundidade que a crise atingirá no Brasil.

Sérgio Cardoso



MANIFESTAÇÃO CONTRA O MASSACRE, EM ABRIL DE 2003

Abril de Lutas

O MST prepara para todo o mês de abril uma série de manifestações. As atividades fazem parte da Jornada de Lutas pela Reforma Agrária e devem acontecer em todo o país.

Há 12 anos, em 17 de abril de 1996, dezenove sem-terra foram assassinados pela Polícia Militar em Eldorado dos Carajás-PA. Desde então o mês de abril passou a ser um marco na luta pela reforma agrária.

Dois comandantes da PM foram condenados pelo massacre, mas aguardam em liberdade o julgamento no STJ.